

“POBRE GALEGO?” IDEIA E REPRESENTAÇÃO DOS IMIGRANTES GALEGOS NA LITERATURA DE VIAGENS, EM PORTUGAL DE OITOCENTOS^[1]

Nuno Resende

(...) o galego dos fretes, da água, dos recados — o galego que pelo S. João e Natal, se não conduz a fortuna de Roma na barca de César, carrega pelo menos nas costas a fortuna inteira de meia Lisboa (e mais não arrebenta) — o galego que lida, sua, canta na taberna, dorme na pocilga, dança em Santo Amaro, e morre no hospital — o galego leva a pedra de ara, vai ver serrar a velha, e apanha pelos focinhos, durante o Entrudo, com a luva besuntada de azeite e pós de sapatos — o galego, enfim, que os saloios dizem *chiça*, os marujos grunhem como porco às orelhas, e os garotos furam por debique ao barril... (Herculano 1981, pp. 233-234).

147

“POBRE GALEGO?”
IDEIA E REPRESENTAÇÃO
DOS IMIGRANTES GALEGOS
NA LITERATURA DE
VIAGENS, EM PORTUGAL DE
OITOCENTOS

Nuno Resende

1. Introdução

O GALEGO É UM FIGURANTE NA SOCIEDADE PORTUGUESA DO SÉCULO XIX. JÁ O ERA ANTES E SÊ-LO-Á DEPOIS, mas é na centúria de oitocentos que mais parece destacar-se como personagem social, amiúde com papéis secundários e menos vezes enquanto actor principal, como documentam as

¹ Publicado originalmente em: Resende, N. (2018). “Pobre galego?” Ideia e representação dos emigrantes galegos na literatura de viagens em Portugal de oitocentos. *Via Spiritus: Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso*, 25, 147-168.

principais obras literárias do século, com especial destaque para a de Camilo Castelo Branco.

Não é, contudo, nosso propósito elaborar uma síntese das referências sobre o galego na literatura portuguesa. Esse trabalho tem sido feito, por exemplo, no já citado caso de Camilo que gizava, quase pintando (ainda que ou em pinceladas suaves ou demasiado fortes) o retrato de galegos aguadeiros, carregadores, mensageiros, etc. (Rodríguez & Torres Feijoo 1994). Também Alexandre Herculano o incluiu entre os tipos nacionais, como se vê pelo excerto acima^[2] (Herculano 1981).

Não é, de resto, novo o interesse sobre o perfil do galego na literatura e na memória nacionais. Para gizir esse esboço, têm alguns autores examinado não só os romances, mas os periódicos e os abundantes registos etnográficos^[3] que documentam uma intemporal presença galega em Portugal^[4].

Recentemente foi apresentado o “imagentipo” do galego na memória portuguesa, que a partir do conceito de imagiologia, ou discurso de representação, expõe a construção da ideia ou “imagem portuguesa dos galegos” (Pazos-Justo 2016). O autor, Carlos Pazos-Justo, serve-se de um conjunto variado de textos, não só literários, para definir esse “imagentipo”, que duplica em negativo ou positivo.

À falta de melhor designação e tendo em conta o tipo e o recorte das fontes que utilizaremos, assim como dos resultados que pretendemos obter, designaremos o nosso conceito operativo de «iconografia identitária», definido como o conjunto de características materiais ou físicas, imateriais ou sensoriais que contribuem para criar a ideia, representação ou imagem de um certo grupo social. Naturalmente tomamos à Sociologia a noção de grupo social que inclui, não só as

² Sobre o estudo do galego na obra de Herculano veja-se Beirante (1992, pp. 25–38).

³ Conferir a obra de Cabral (2004, pp. 181–193). Para além do trabalho deste escritor devemos à obra de outro, também regional, João Araújo Correia, as informações de carácter antropológico e memorialista sobre a presença de galegos no Douro. Recentemente o historiador Gaspar Martins Pereira publicou um interessante estudo sobre a questão (Pereira 2016, pp. 81–91).

⁴ A este respeito veja-se a mais recente síntese sobre o tema da imigração galega para Portugal, de Alves (2002, pp. 117–126). Também na arte e na arquitectura se tem procurado testemunhos dessa mobilidade entre a Galiza e Portugal, como o de Rocha (1995, pp. 143–156).

relações entre os indivíduos, mas a consciência das mesmas através da sua representação interna (no grupo) e externa. À Antropologia pedimos o uso do conceito de alteridade para aferir dessa percepção externa, que coloca no galego na posição do Outro, do observado — fora ou exteriormente do / ao seu grupo e à sua origem.

Cabe ao investigador recortar, sistematizar e comparar as tais características, obtidas pela leitura ou observação directa de, no caso da literatura, expressões ou descrições e, no caso das fontes visuais (como os desenhos ou gravuras tantas vezes associados ao capital literário) formas, cores, gestos e composições que ajudam a compreender a figura ou o grupo social em estudo.

Tais representações, ideias ou imagens do galego têm, porém, sofrido alterações ao longo da história. Dependendo das circunstâncias sociais, políticas, económicas e ideológicas talvez não possamos falar numa imutável representação diacrónica, se não em recortes sincrónicos que vão construindo e desconstruindo a personagem ou a “figura galego”, categoria ou tipologia social dependente de inúmeras variáveis, entre as quais os binómios Galiza – Castela / Espanha e Galiza – Portugal, ou ainda as transformações pelas quais passou a sociedade portuguesa ao longo de todo o século XIX nomeadamente em relação às crises políticas e aos fenómenos migratórios^[5].

Este trabalho não pretende, portanto, terminar a discussão sobre, primeiro, como se pode (re)construir uma representação social, comunitária ou até étnica, a partir de fontes, neste caso literárias; e, depois, encerrar a questão do papel ou papéis que os galegos desempenharam na sociedade e na economia de portuguesas de oitocentos — dada a multiplicidade de testemunhos, estudos e questões ainda em aberto sobre este tema.

O presente ensaio surgiu de uma reflexão centrada no universo da História da Arte, ou de como esta disciplina pode contribuir com metodologias e elementos teóricos para aqueles temas ou questões.

.....
⁵ Apontámos os casos de tensão social e de xenofobia, como o antigaleguismo, que se desenvolveu, por exemplo, durante o primeiro liberalismo como nota Marianne Baillie que, em 1821, documentou o desencadeamento de violência contra os galegos – a quem alguns sectores da sociedade imputavam o roubo de postos de trabalho portugueses (Baillie 1824, vol. 2, p. 86).



Figura 1. Aguadeiros do Chafariz de Dentro. Fotografia de Joshua Benoliel, c. 1907. Arquivo Municipal de Lisboa PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/JBN/000090

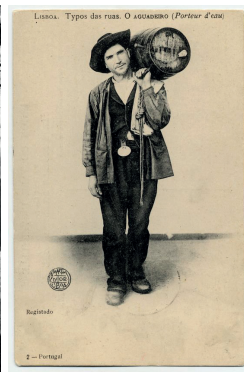


Figura 2. Um aguadeiro de Lisboa. Bilhete postal ilustrado. Col. Nuno Resende

Poderá a História da Arte participar na reconstituição de representações identitárias? Poderá a disciplina contribuir para questionar a apresentação e interpretação das culturas a partir de fontes documentais ou não-visuais?

É certo que a arte trouxe até nós um conjunto de registos visuais capazes de «mostrar» uma ideia sobre o galego enquanto tipo social. Pinturas, desenhos, fotografias (a partir da década de 1840) e bilhetes-postais, mostram-nos o tal actor, principal ou secundário, desempenhando as «suas» funções, mais um menos discretas, no vasto palco português (*cf.* figuras 1 e 2). Mas revela-se quanto a nós, material insuficiente e redutor na sua dimensão física e documental pois se dele dependêssemos exclusivamente, obteríamos uma mera representação bidimensional, *clichés* — para utilizar uma expressão fotográfica — do aguadeiro, do carregador ou do mensageiro, como o retrata Herculano.

Tentaremos, assim, com base em obras literárias de eminente carácter descritivo — os livros de viagens — reconstituir a representação visual do indivíduo galego na história portuguesa do século XIX. Representação cultural, portanto, indissociável das suas características físicas, ocupacionais e até psicológicas que procuraremos recortar em narrativas de viagem.

2. “O que é um galego”?^[6]

Naturalmente que galego ou galega define, dicionaristicamente, o indivíduo natural da Galiza. Esta região–província de Espanha constitui uma das realidades geográficas mais vincadas da Península Ibérica, delimitada a norte e oeste pelo mar, a sul pelo rio Minho e a nascente pelas montanhas asturianas.

O galego reconhece-se a si mesmo nas diferenças com Castela, acentuadas pelas dissensões ideológicas e partidárias que o foram apartando de Madrid. Mas reconhece-se, também, pelas idiossincrasias, plasmadas culturalmente nos universos erudito e popular, em práticas, modos de ser e sentir e obras artísticas, nomeadamente as de morfologia arquitectónica, desde os cruzeiros e as ermidas, até ao grande santuário de São Tiago Maior em Compostela.

Fora do seu rincão geográfico, a imagem dos galegos toma formas diversas consoante os seus interlocutores e observadores.

Mercê de circunstâncias económicas que alguns historiadores explicam através da desamortização e pulverização da propriedade, o galego chegou a Portugal como assalariado disposto a conquistar um lugar não ocupado pelo português, substituindo a mão-de-obra barata disponível, segundo alguns, pela supressão da escravatura. Assim o referem historiadores e alguns dos viajantes que deixaram testemunho sobre o quotidiano dos galegos em Portugal.

Segundo escritores dos finais do século XVIII e inícios do século XIX eram, nesse período, 80 mil os galegos imigrantes em Portugal^[7]. À medida que o século vai avançando, apontam-se outros números para Lisboa, Porto e para o Douro — os três principais destinos nesta geografia da emigração e das migrações sazonais. Por volta de 1855 seriam 3 mil os aguadeiros galegos em Lisboa e no Douro cerca de 8000 trabalhadores que faziam todo o trabalho braçal mais duro: “os portugueses só faziam as vindimas” (Murray 1855, p. 169).

Mas os números são diversos. Segundo outro viajante, ainda em finais do século XVIII, no Porto, trabalhavam e moravam 8 mil galegos, enquanto em todo o reino James Murphy estimava serem 50 mil os

⁶ Pergunta que faz Alexandre Herculano (1981, p. 227).

⁷ Importa confrontar esta indicação, decerto generalista, com o já referido trabalho de Alves (2002, pp. 117–126).

naturais da Galiza que procuravam em Portugal o seu sustento (Murphy 1795, p. 16)^[8]. Na mesma altura, um oficial inglês que anonimamente^[9] publicou uma coleção epistolográfica sobre as suas viagens na *Barbárie* (França, Espanha e Portugal) chega a afirmar que a Galiza exportava dois produtos: gado e pessoas (Jardine 1788, p. 58).

São, de facto, as descrições dos viajantes estrangeiros em Portugal nos séculos XVIII, XIX e XX que parecem contribuir para um desenho mais acabado do imigrante galego. Os seus testemunhos, ainda que contaminados de considerações etnocêntricas (como prova o título da obra de 1788 que chama “barbárie” ao conjunto de países França, Espanha e Portugal), constituem, não obstante, valiosos elementos de estudo, dissecação e comparação com outros registos da mesma época (*vid.* Chaves 1977).

É, pois, a um conjunto de fontes literárias, de carácter epistolográfico e diarístico, redigido aquando de deslocações ao território português entre finais do século XVIII e os primeiros anos do século XX que dirigiremos a nossa atenção para tentar construir um perfil da ideia do galego, do seu papel e da sua dimensão social e ideológica na sociedade portuguesa de oitocentos.

Resulta importante assinalar esta terceira voz, para além da dos próprios galegos^[10] e das dos portugueses, ambas comprometidas com preceitos e preconceitos nacionalistas e ráticos ao longo dos últimos 200 anos; os primeiros pretendendo construir a ideia de um povo submisso, mas desejoso de autonomia, os segundos, sublinhando a diferença com o Outro, sacrificando por isso a sã convivência e as reflexões imparciais.

Ao diálogo, nem sempre pacífico, entre ambas culturas (a portuguesa e a galega), junta-se assim o registo de terceiros, como veremos maioritariamente ingleses que, ao longo de toda a centúria de

⁸ A sua observação decorre da viagem realizada em 1788 (*vid.* excerto adiante).

⁹ A obra publicou-se anónima, em 1788, mas é atribuída a Alexander Jardine, que visitou o país em 1779, segundo informação do texto (*cf.* Jardine 1788).

¹⁰ Esta voz existiu, infelizmente silenciosa e só reproduzida através dos seus interlocutores. Uma massa de imigrantes analfabetos e iletrados não deixou mais do que os outros o viram dizer ou fazer. Não deixa contudo de ser interessante que, no início do século XX, após a República, Eduardo de Noronha tenha dado voz ao Galego como personagem principal de um romance (*cf.* Noronha 1912).

oitocentos, escolheram a península ibérica e, em particular, Portugal para apresentar a sua versão do decurso da História.

3. Os viajantes

De um conjunto de 65 livros que identificámos como registos escritos de viagens de estrangeiros a Portugal, publicados entre 1775 e 1912 lográmos reconhecer 24 obras (*cf.* Apêndice 1 e fontes primárias consignadas na bibliografia) cujos autores mencionam os galegos. Graças aos repositórios digitais e aos motores de busca em linha é hoje possível a qualquer investigador aceder a um universo mais vasto de fontes e referências bibliográficas, explorando-as com maior celeridade e recorrendo a uma sistematização da informação nelas contidas que não era possível há 20 ou 30 anos atrás.

Aproveitando, portanto, estes canais e as ferramentas disponíveis, levantados graças ao cruzamento de buscas por palavras-chave ao aproveitamento de informações intertextuais, estabelecemos um quadro em que do universo referido recortamos um corpo de fontes designadas como “literatura de viagens”.

Esta categoria, embora seja definida como o género literário que regista e narra a experiência de um ou mais indivíduos durante uma jornada ou percurso, pode ser apresentada sobre formas tão diversas como cartas, romances, poesia, mas também desenhos e fotografias e pode resultar de autorias tão diversas quanto o número de viajantes. Efectivamente à medida que a viagem tomou um carácter menos religioso e mais secular, que a mecanização e a industrialização favoreceram novos meios de locomoção, mais rápidos e mais económicos, o registo das viagens cresceu em função do galopante número daqueles que se deslocavam, já não por razões religiosas, políticas ou militares, como os que o faziam durante a Idade Média e a Época moderna, mas por razões culturais, de ócio e de ilustração.

Naturalmente que o tempo do *Grand Tour* (séculos XVII–XIX) constitui uma mudança na forma como os indivíduos entendem a viagem e como a executam (*vd.* Resende 2018, pp. 73–85). Instrumento ou exercício de conhecimento e aprendizagem, como já o era antes para artistas que circulavam pela Europa até Roma, ou mercadores

a construir relações comerciais, o *Grand Tour* serviu para estimular o registo escrito das viagens como forma ou meio de difusão cultural, mas também como produto político e ideológico, que interferiu no modo de ver. Chamamos por isso a atenção para o facto de o viajante-escritor não ser apenas um redactor, mas um construtor de consciências, de ideias, de reflexões fundadas (em parte) na observação directa. Este olhar antropológico é, como referimos e como veremos, perverso. Se por um lado, resulta de um contacto com uma alteridade desconhecida ao olhar, reflecte quase sempre um posicionamento desigual entre observador e observado. Importa, pois, fazer uma análise cuidada, não só dos testemunhos, mas de quem os testemunha pois à medida que avançamos no século XIX, centúria por excelência da produção daquele género literário, torna-se frequente que os relatos individuais se confundam neste caso numa “escritaria” de múltiplas opiniões.

De resto ao longo do século XIX afina-se, também, outro género, menos literário e mais técnico, que é o dos manuais de viajantes. Alimentados com as percepções e opiniões de múltiplos viajantes, desenvolvem ideias e concepções sobre os lugares a visitar que os posteriores visitantes já conhecem antes de partir (*cf.* Murray 1855).

Voltando à categoria da literatura de viagens, como atrás a definimos, operamos novo recorte, desta vez cronológico, nas fontes a utilizar para reconstituir a ideia ou a representação dos Galegos em Portugal de oitocentos. Naturalmente que este recorte se fundamenta prévio no conhecimento histórico e literário e por extensão social do território português naquele século. Tendo à cabeça Camilo Castelo Branco, que às suas personagens atribuía frequentemente significados psicológicos e sociais questionámo-nos algumas vezes sobre qual seria efectivamente o papel dos galegos no quotidiano, nas práticas, nos costumes e nas relações com os portugueses. De resto, abrir um romance de um autor português do século XIX e não encontrar um galego é caso raro. Também os periódicos são fecundos em alusões ao papel ou papéis, lugar e lugares dos galegos, geralmente subalternizados, diminuídos e até vexados — sobretudo em épocas de convulsão^[1].

¹¹ *Vd.* nota seguinte.

Por outro lado, a imagem pictórica e depois fotográfica fixou a personagem tipo: aguadeiro, carregador ou “galego de esquina”, como a gravura publicada no *Archivo Pittoresco* em 1859^[12]. Corresponde essa imagem (cf. figura 3) à ideia do imigrante galego?

Procurámos, pois, um terceiro interlocutor, entre o erudito literário e a *vox populi* para confirmar ou contradizer a imagem que construímos do Galego. Afinal, como vêm os estrangeiros outro estrangeiro em Portugal?



Figura 3. O “galego d’esquina”, publicado em “*Archivo Pittoresco*” (1859)

4. As observações: escrita e representação

O século XIX português é fecundo em registos literários fundados em viagens de estrangeiros. O seu estudo foi, ainda durante aquele século, instrumento político e intelectual, ora para justificar o atraso do país, ora para resgatar uma consciência nacionalista. Veja-se, por exemplo, o caso da polémica camiliana em torno das apreciações da Senhora Ratazzi sobre a vida portuguesa. No mesmo ano da polémica, em 1879 (e talvez por isso), surgiu a obra de Manuel Bernardes Branco, *Portugal e os estrangeiros* (1893–1895) que constitui o primeiro repositório ou catálogo sobre obras de viajantes no nosso país.

Para complementar a visão que desejávamos obter sobre o século XIX, escolhemos autores cuja viagem a Portugal ocorreu antes e depois

¹² Associada a um artigo profundamente antigaleguista (cf. N.N. 1859, pp. 247–248).

daquela centúria. As barreiras cronológicas impostas por uma divisão formal do tempo não se coadunam com questões como a que temos em mão. É necessário reunir o maior número de testemunhos para reconstituir uma ideia diacrónica dos galegos. É possível? Ela existe?

Para respondermos a estas questões tivemos o cuidado de, primeiramente, traçar um perfil dos nossos interlocutores: a sua proveniência, a sua profissão e o seu estatuto e a data da viagem — que nem sempre coincide com o tempo da publicação das obras.

Posto isto, desenhamos um “retrato-robô” dos nossos viajantes: homem, militar ou de profissão liberal, anglo-saxónico com idade a rondar os 45 anos. Das exceções sabemos pouco: 6 mulheres, aristocratas ou da alta sociedade, na maioria britânicas, um geógrafo francês e um congressista norte-americano.

É, portanto, um mundo essencialmente masculino e britânico, atraído a Portugal por questões diversas, muitas delas explicadas nos prefácios ou introduções às obras, mas que se resumem a questões políticas e militares (recordemos a presença inglesa em Portugal, das invasões francesas à vitória do liberalismo) ou até de educação e ciência, como no caso do ornitólogo Alfred Charles Smith. Alguns visitam o reino de passagem, outros como destino, influenciados por leituras de outros viajantes antes deles.

Como britânicos, alguns deles clérigos, a maioria não deixa de colocar nas suas apreciações um tom crítico quanto a questões políticas e religiosas. O livro do reverendo William Morgan Kinsey, já publicado em edição comentada (Martins 1987), revela esse perfil de viajante crítico — que não pode ser ignorado quando tratamos a literatura de viagens como fonte histórica. Esta deve ser devidamente cotejada com outros registos, e comparada com obras similares, nomeadamente com relatos contemporâneos.

Foi o que fizemos com a amostragem literária escolhida: recortamos das obras as referências aos galegos, tendo em conta o seu contexto narrativo, e agrupámo-las em quatro categorias que considerámos adequadas para reconstituir a ideia ou a representação iconográfica daquela figura-tipo: “Características físicas”; “Características sociais”; “Apreciações estéticas” e “Comparações raciais”.

No primeiro campo procuramos referências dos viajantes à constituição física ou fisionómica e até psicológica dos galegos.

São poucas as alusões e chegam-nos sob a forma afirmações muito reduzidas embora directas, como as do oficial Alexander Jardine, em 1779: “Small or short”, “Short and thick” (1788, p. 55), ou as anotações de Marianne Baillie sobre os galegos de Lisboa: “remarkably athletic”, “the younger among them are sometimes extremely fine men” (1824, pp. 86–87) — imagem com a qual concorda o reverendo Kinsey ao afirmar que eles têm “fine and manly appearance” (1829, p. 78). Alexander James acrescenta, em 1835, uma dimensão psicológica à imagem, chamando-lhes “stout fellows” (1835, p. 7). Também nas anotações de um diário de viagem de uma anónima senhora inglesa se refere que os galegos de Lisboa eram “by no means unpleasing” (Grey 1830, p. 25).

A maioria das descrições prende-se com as “Características sociais” e “Comparações raciais”.

No primeiro caso, não podemos deixar de traduzir uma longa apresentação do fenómeno da imigração de galegos para Portugal que nos é fornecida pelo famoso arquitecto e antiquário James Murphy que, em visita ao Porto, em Dezembro de 1788, deixou registado:

The labourers chiefly employed here are natives of Galicia, a province of Spain; hence they are called Galegos. Their number is computed at eight thousand in Oporto alone, and the whole kingdom is thought to contain not less than fifty thousand of these industrious adventurers. If this statement be correct (and I do not give it on light authority) and that each man lays up, on an average, eighteen pence per week; then the most profitable trade of Portugal is carried on by the Galicians; for their savings, according to this calculation, amount to one hundred and ninety-five thousand pounds per annum, which they carry to their own country. Those who have witnessed their manner of living, will admit that the sum is stated rather below than above the truth; for they are the most economic people in the world. They are fed gratuitously at the gates of the convents, lodged in cellars, estables, or cloisters and clothed in rags, in which they usually repose. Yet many of them posses lands and houses in their own country, whither they return at stated periods to divide their hard-earned pittance with their families; and finally retire, as soon as they have made sufficient to live independente of labour, to spend the evening of life in the simple enjoyment of domestic felicity. To the honour of this industrious race we should not forget to mention, that the allurements of gain have rarely been known to betray any of them to commit a dishonest action (Murphy 1795, p. 16).

O texto de Murphy contém algumas das ideias pelas quais os galegos imigrantes em Portugal ficaram conhecidos: aventureiros (no sentido de destemidos?), industriais, poupados e honestos.

Em 1808, Robert Southey, um escritor britânico em Lisboa afirma que todos os galegos eram carregadores, “industrious and honest race” (1808, vol. 2, p. 65). Marianne Baillie, em 1824, repete o adjectivo “industrious” (1824, vol. 2, p. 93) e John Gordon Smith, que passou por Lisboa antes de 1832, escreve que “they are a race of very peculiar character” (1832, p. 125).

A honestidade é um tópico recorrente nas descrições das comunidades de galegos de Lisboa e do Porto. Lady Jackson refere, na sua viagem a Portugal em 1873 que, sendo necessário um “trusty messenger” se chamava um galego, com hábitos “of industry and frugality” (Jackson 1874, p. 78). É, aliás, uma das escritoras que mais disserta sobre o papel do galego na sociedade portuguesa, questionando-se sobre a forma quase desprezível como este era tratado.

Também Dorothy Quillinan classifica os galegos de Lisboa, em final do século XIX como “pleasant servants”, “obligious” e “corteous”, embora admita que quer galegos, quer os portugueses se dedicassem a pequenos roubos (1847, vol. 1, p. 27).

Apesar das qualidades pelas quais a maioria dos autores os reconhece, as narrativas não deixam de os caracterizar como pobres e a quem os portugueses entregavam os mais duros trabalhos: “poor as ragged”, “beast” (Southey 1808, vol. 2, p. 65) ou “beasts of burden” (A. P. G. B. 1826, p. 75), “voluntary slaves” (Baillie 1824, vol. 1, p. 87) — em suma, e como sintetiza William Robert Wilde, de passagem por Lisboa em 1837: “They are remarkable for their honesty; and hardships they undergo are extraordinary” (1840, vol. 1, p. 59).

O adjectivo *pobre* é aqui aplicado no sentido social do termo: aquele que não tem bens ou necessita de ser amparado, como o eram, segundo refere Murphy, os galegos do Porto, que dormiam ao relento — imagem ao que parece reproduzida em Lisboa e descrita por Wilde que os viu a dormir junto às fontes onde trabalhavam durante o dia.

Mas se de facto a adjetivação pobre é, num primeiro sentido, indicativo do modo de vida dos galegos urbanos de Porto e Lisboa também o é como observação paternalista, que bem pode ser resumida na interjeição que titula este artigo e que extraímos da obra de Teixeira

de Vasconcelos, a propósito dos galegos portuenses: “Pobre gallego! Assim faz na terra, e por isso o tratam como vê quem por lá anda, e... digamos a verdade inteira... seguindo a sua humilde condição merece” (1875, p. 5).

Fazendo um apanhado das funções que lhe são atribuídas pelos escritores, podemos definir um conjunto de ofícios que, segundo os viajantes, eram destinados aos galegos à chegada àquelas cidades: em primeiro lugar o de aguadeiro¹³, seguindo-se-lhe o de carregador, condutor de carros, criado e mensageiro.

Embora o olhar social do geógrafo francês Jean Elisée Réclus refira que os galegos exerciam em Portugal os misteres de padeiro, carregador, guarda portão, capataz e criado, talvez devamos ater-nos às palavras de William Edward Baxter que, em 1850, refere que eles executavam “all the hard work” (1852, p. 63). Trabalho não especializado, que exigia apenas a força braçal, como salienta James Edward Alexander ao elencar os salários de carpinteiros, pedreiros e jornaleiros portugueses. Quanto aos galegos, regista: “are paid according to jobs” (1835, p. 210).

É recorrente, aliás, a comparação dos viajantes, entre galegos e portugueses. Como apontamento apenas, lembrarmos na já referida polémica de Camilo com a Rattazzi a célebre comparação entre os galegos e uma certa família aristocrática portuguesa, os Burnay (Castelo Branco 1880, pp. 16–17).

Uma grande parte dos viajantes que passaram por Portugal não deixou de comparar os galegos, enquanto minoria de imigrantes trabalhadores, com outras minorias europeias, como os Suíços do ouro (Smith 1870), os Gibeonitas ingleses (Baxter 1852), alguns camponeses da França, os judeus “pobres” de Gibraltar (Jardine 1788) ou até com os irlandeses. Mas a comparação com os portugueses é um aspecto que convém assinalar.

William Morgan Kinsey compara os galegos com as classes baixas dos portugueses e Jonh Murray sublinha que “these gallegos bear a much closer affinity to the portuguese than to the spanish” (1855, p.

¹³ Sobre os aguadeiros do Porto escreveu Alberto Pimentel: “os aguadeiros portuenses não andam pela rua oferecendo agua, como os de Lisboa. Estão afreguesados, e levam a agoa todos os dias a casas certas. Todos eles são gallegos – Usam chapéu desabado ou bonnet, jaqueta com chapa, e enormes sapatos, quasi redondos, presos com atilhos sobre o peito do pé” (Pimentel 1877, p. 146).

29), mas ambos os apontamentos parecem indicar uma apreciação pejorativa para ambos. De facto Kinsey usa os galegos como elemento de comparação e confronto entre os extremos da sociedade Lisboaeta, no lugar oposto (inferior) ao dos galegos estavam os nobres, “classe de mendigos titulados” que o clérigo inglês descreve com violência e absoluto desprezo (1829, pp. 78–79).

Mas, quando Adam Neale (1809, p. 187), em 1809, ou Marianne Baillie, em 1821 (1984), se referem ao “poor galego” parecem fazê-lo com uma entoação menos depreciativa e mais compassiva, já não referente ao modo de vida dos galegos. Eles são, para muitos viajantes, a classe mais explorada e desprezada pelos portugueses, estes ditos como altivos e dominadores, e aqueles como dóceis, obedientes, “poor deluded wretches” que executam todo o trabalho rejeitado pelos primeiros. Como salienta Eugéne Street, em 1903, “for generations it has been the costum of these men to do any amount of hard and disagreeable work which the portuguese will not condescend to do themselves” (1903, pp. 138–139).

Esta ideia sai reforçada do relato de Southey, em 1808, que conta como um inglês do Porto tendo pedido a um português para transportar uma caixa a uma casa próxima, este recusou-se a fazê-lo, afirmando que não era um animal. Chamou-se um galego para levar a caixa (1808, vol. 2, p. 65).

Deixamos propositadamente para final a categoria “Apreciações estéticas”, que recortamos dos textos dos viajantes. Por apreciações estéticas queremos dizer o conjunto de indicações directas ou sugeridas que nos remetem para o mundo sensorial das cores e dos sons, tais como a policromia e texturas das roupas dos galegos, os seus instrumentos de trabalho, os sons dos seus officios e até os gestos ou práticas daqueles imigrantes, sobretudo os que viviam nas cidades do Porto e de Lisboa.

Este é um elemento frequentemente ignorado na análise das fontes históricas e que comporta uma abordagem fenomenológica de leitura da consciência dos indivíduos sobre os objectos, as formas, etc. Tal leitura não pode passar despercebida (e menos a um historiador da Arte) na análise que faz das narrativas de viagem às formulações sobre gosto ou desprezo, o contacto com as realidades humanas e naturais, em suma, referências ao sublime, ao belo e ao pitoresco, conceitos largamente difundidos por este tipo de literatura.

São, como referimos, mais completas as descrições do modo de vida dos galegos urbanos. E se temos vindo a referir a imigração (e a migração) para os centros urbanos de Lisboa e Porto e menos ou praticamente nada referimos sobre a realidade fora desses meios, é porque as fontes são omissas. Ela existia, porém. Pelo menos no Douro, como indica o *Handbook for travellers in Portugal*, de 1855 que assinala a existência, naquele território, de *gangs* de galegos trabalhadores “usually consisting of about 10 men, under the command of a feitor” (Murray 1855, p. 169). Acrescenta, ainda, um apontamento etnográfico sobre as práticas de carregamento dos cestos das vindimas durienses: os portugueses carregavam-nos à cabeça, os galegos ao ombro. Mas dado que os destinos principais dos viajantes eram as cidades, facilmente acessíveis por terra ou mar, o interior português, ficou esquecido das memórias literárias de muitos viajantes estrangeiros.

O trabalho braçal era, então, o elemento definidor da presença (geracional, talvez) galega, masculina, em Portugal, ao longo do século XIX. Socialmente os galegos ocupavam a base de uma sociedade ainda presa aos valores do Antigo Regime, herdeira do pensamento medieval que marginalizava os mecânicos. As funções que aceitavam executar, algumas repugnantes ou socialmente reprováveis, apartava os galegos até das classes inferiores portuguesas.

O militar Alexander Jardine dá como exemplo os árduos trabalhos de agricultura, que incluíam o transporte de estrume com as próprias mãos (1788, p. 55), mas uma das mais macabras descrições vem de Edward James Alexander, que a diz ter observado numa igreja portuguesa:

So also is indecent manner of burying the children of the lower classes; they are taken to the churches and laid on the pavement by the parents, and some of them tricked out in tinse and ribbons. When eight or nine are collected, two galegos come in an open shell, and place the tiny bodies in it indiscriminately, and carry them off (heads shaking with the motion and quite exposed to the narrow bed! (1835, p. 235).

É em relação aos aguadeiros que colhemos mais e mais ricas descrições. Kinsey fala dos “gallegos with many-colored water-barrells” (1829, p. 85) e a anónima viajante que passou entre 1827 e 1830 por Lisboa fez uma longa apreciação que vale a pena transcrever:

Their visit to Lisbon afforded an inexhaustible source of amusement. The ride from Buenos Ayres replete with interest, to those recently arrived in the country. The Gallegos first attracted attention. They were dressed in bright blue or brown jackets, with white trowsers reaching half way down the leg, and short, coloured velveteen breeches over them. On their heads was a blue or crimson cap; and over their shoulder a wallet, on which was placed a small barrel. To the breast of their jacket is attached a ticket, indicative of their being under the superintendence of the government (Grey 1830, pp. 24-25).

Esta descrição deve ser confrontada com a de James Alexander, datada de 1834, que então observou e descreveu os galegos em Vigo:

The men, the well-know Galegos, or porters of Madrid and Lisbon, were stout fellows, in broad hats, dark vest, white shirts and short wide trowsers; they conducted bullock-carts with heavy and creaking wheels, or mules laden with country produce (1835, p. 7).

Outros viajantes, como William Baxter (1852) ou Lady Jackson (1874), referem o som do grito dos aguadeiros, que a escritora britânica traduziu em expressivas onomatopeias.

Lady Jackson que, entre todos os viajantes, é a que mais longamente disserta o modo de vida galego em Lisboa faz uma curiosa observação sobre o colorido dos barris de que eles transportavam (usados, talvez, para diferenciar o seu proprietário?). Na segunda viagem que empreendeu a Lisboa em 1873 estranhou, naquele mundo colorido, diferenças com a sua visita anterior, propondo explicações:

Of old friends, the Galician Aguadeiro—watercarrier — still remains. His prolonged A-aû! — A-aû! — strikes familiarly on my ear. But his barrel! — that is not the gaily painted one that formerly caught the eye. Three or four of these men have I met on my way down, and all carried barrels of a gloomy leaden or brownish hue. One had a faint streak of red at either end, triste reminder of the time when they were brilliant with stripes, bands, or chequers in every variety of colour. And the Gallego himself is become as dull and dowdy as his barrel. Time was when his costume had something characteristic in it; when a group of aguadeiros resting on their

parti-coloured barrels, or reclining on the steps of some public fountain, formed a very pretty picture ; cool, too, and refreshing to look at. Perhaps the Aguadeiro is conscious of being gradually effaced, washed away by the Waterworks Company (Jackson 1874, p. 33).

Anos antes, entre 1827 e 1830, também a já citada anónima senhora reparara nas cores associadas aos galegos — descrição que importa comparar com a gravura no livro de Kinsey (*cf.* figura 4):

The Gallegos first attracted attention. They were dressed in bright blue or brown jackets, with white trowseres reaching half way down the leg, and short, coloured velveteen breeches over them. On their heads was a blue or crimson cap; and over their shoulder a wallet, on wich was placed a small barrel. To the breast of their jacket is attached a ticket, indicative of their being under the superintendence of the government (Grey 1830, p. 25).



Figura 4 - Galegos aguadeiros segundo W. M. Kinsey (1829)

Outrossim Edward James Alexander assinalou, em 1834, os “stout galegos in loose white trowsers stood by the fountains, waiting for the filling of their blue painted barrels, or carried them about on their shoulders, calling out “Água Fresca”, in a melancholy note” (1835, p. 55).

Não é apenas o som associado à distribuição de água o único que os galegos executavam. A imagem com que ficamos quando lemos os relatos sobre a sua presença em Lisboa de oitocentos é a de uma constante vozearia e azáfama que incluía sons de passos apressados,

cânticos (que refere o anónimo de 1826), o guincho dos carros de bois que eles conduziam e até a constante subserviência manifestada por expressões como “Vossa Excelência”, “Vossa Senhoria”, que viajantes como Lady Jackson e Edward Alexander testemunharam e registaram nas suas obras.

Embora claramente identificados como um grupo social, não reconhecemos qualquer alusão a lugares ou áreas de habitação dos galegos nas cidades de Lisboa ou Porto, possível fenómeno de “guetização”, como no caso de outros grupos ou etnias. Ficámos com impressão, depois da leitura de todas as narrativas, que os galegos habitariam nas ruas ou nas praças. Murphy refere, como já vimos, que eles se alojavam nas caves do vinho, nos estábulos e nos claustros; e que em Lisboa, como observa o já citado Wilde, a maioria dormia junto aos fontanários onde diariamente trabalhava.

Mas há três curiosas referências a um momento de congregação dos galegos, uma datada de 1824 da autoria de Marianne Baillie, outra pela mão do anónimo de 1826 e uma outra já no século XX, de 1907, por outra escritora, Alice C. Inchbold (1907, p. 53).

Todos assinalam a romaria de Santo Amaro, em Lisboa, como ponto de encontro dos galegos, que o tomavam por patrono. É, contudo, o autor de 1826 que nos apresenta a melhor descrição deste culto e da sua romagem:

S. Amaro is the patron saint of the gallegos and other beasts of burden particularly; and his department being a branch of the Esculapian one, that of curing sore legs, bruised legs, and broken legs, it is no wonder that in this class of men should be found the greatest number of his votaries. No sooner does one of these poor deluded wretches recover the use of a fractured limb, after perhaps three months confinement, than he repairs to S. Amaro’s altar, depositing on the steps of the same a bottle of oil to feed the ever-burning lamp of the shrine; and after attaching to some part of the church a little waxen leg, emblematical of that which has been cured, he prostrates himself for a considerable time before the image of S. Amaro with the most earnest thanksgiving for performing so miraculous a cure (A. P. G. B. 1826, p. 75).

Acerca da religiosidade da comunidade imigrante importa referir, também, o testemunho de Robert Southey sobre a história do criado galego que acreditava que as unhas e os cabelos do corpo de São Tiago Maior continuavam a crescer e que um padre lhos cortava... (1808, vol. 2, p. 186) credulidade religiosa de resto partilhada com os portugueses, como documentam outros viajantes ao longo do século XIX — particularmente atreitos a descrever (ou criticar) fenómenos religiosos e (ou) espirituais.

5. Conclusão

Não obstante as particularidades da fonte — a literatura de viagens — marcada por uma diversidade de registos, múltipla origem e interesses dos produtores / observadores, a “contaminação” entre obras e a subjectividade de alguns relatos o seu valor é inegável enquanto documento.

Tendo em conta a comparação e confronto dos vários testemunhos e o cruzamento com outras fontes (nomeadamente visuais) é possível utilizar a literatura de viagens para o que convencionámos designar de reconstituição de iconografias de identidade. Uma das características dos grupos sociais e culturas é, afinal, o reconhecimento — seja este interno, pelos seus membros, ou externo, pelos outros — de imagens, ideias ou símbolos que constituem um repositório de elementos visuais identitários.

Aplicada, pois, esta metodologia no recorte e comparação de excertos entre obras literárias de viagem, e sua confrontação, consideramos ter contribuído para o estudo da imagem ou ideia do imigrante galego em Portugal no século XIX a partir da observação de outros estrangeiros. Tal permitiu-nos aferir que, muito embora se trate de uma figura discreta socialmente (e até marginalizada) surge e permanece numa dilatada cronologia reconhecida por viajantes que lhe conferem uma dimensão e uma densidade históricas com características que permanecem numa extensa cronologia (no presente estudo, cerca de um século) e o inscrevem num imaginário (essencialmente urbano) marcado por qualidades sensoriais e estéticas, associadas às suas práticas e vestuário. Não podemos, contudo, considerar esta imagem como estável ou imutável.

E embora tratado ou reconhecido como pobre — pobre, como vimos, no duplo sentido de miserável e dominado —, o galego, enquanto figura secundária da sociedade portuguesa (como assim o parecem consagrar alguns literatos nacionais), apresenta-se na linha da frente como elemento notável que prende a atenção de vários observadores.

Creemos por isso ter respondido às questões previamente definidas sobre se a História da Arte podia participar na reconstituição de representações identitárias e contribuir para questionar a apresentação e interpretação de grupos sociais a partir de fontes documentais ou não-visuais.

Assim o confirma o presente trabalho, concorrendo para a renovação do corpus de fontes utilizadas pela disciplina e para a aplicação de conceitos e metodologias na sua validação, análise e interpretação.

Referências Bibliográficas

- (N.N.). (1859). O gallego d'esquina. *Archivo Pittoresco: semanário ilustrado*, 2(31), 247–248.
- ALEXANDER, J. E. (1835). *Sketches in Portugal during the Civil War of 1834. With observations on the present State and future prospects of Portugal*. London: James Cochrane and Co.
- ALVES, J. F. (2002). Imigração de galegos no Norte de Portugal (1500–1900). Algumas notas. In A. E. Roel & D. G. Lopo (Coord.), *Movibilidade e migracións internas na Europa Latina* (pp. 117–126). Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela.
- A. P. G. B. (1826). *Sketches of Portuguese life, manners, costume, and character*. London: Geo. B. Whittaker.
- BAILLIE, M. (1824). *Lisbon in the years 1821, 1822 and 1823*. London: John Murray.
- BAXTER, W. E. (1852). *The Tagus and the Tiber; or, notes of travel in Portugal, Spain, and Italy, in 1850*. London: Richard Bentley.
- BEIRANTE, C. F. B. (1992). A Galiza e os galegos na obra de Alexandre Herculano. In M. C. Henríquez Salido (Ed.), *Actas do III Congresso Internacional da Língua Galego-Portuguesa na Galiza, 1990* (pp. 25–38). Sada: Edicións do Castro.
- BRANCO, M. B. (1893–1895). *Portugal e os estrangeiros* (3 volumes). Lisboa: Imprensa Nacional.
- CABRAL, A. (2004). Historinhas de Galegos no Douro. *Douro: Estudos & Documentos*, 9(17), 181–193.

- CASTELO BRANCO, C. (1880). *A senhora Rattazzi*. Porto/Braga: Livraria Internacional de Ernesto Chardron.
- CHAVES, J. A. C. B. (1977). *Os livros de viagens em Portugal no século XVIII e a sua projecção europeia*. Venda Nova: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.
- GREY, S. (1830). *Portugal or the young travellers: being some account of Lisbon and its environs, and of a tour in the Alentejo, in which the customs and manners of the inhabitants are faithfully detailed*. London: Harvey and Darton.
- HERCULANO, A. (1981). *O pároco de aldeia*. Porto: Lello & Irmão Editores.
- INCHBOLD, A. C. (1907). *Lisbon & Cintra. With some account of other cities and historical sites in Portugal*. London: Chatto & Windus.
- JACKSON, C. H. C. (1874). *Fair Lusitania*. London: Richard Bentley and Son.
- JARDINE, A. (1788). *Letters from Barbary, France, Spain, Portugal, &c. By an English officer*. London: T. Cadell.
- KINSEY, W. M. (1829). *Portugal Illustrated; in a series of letters*. London: Treuttel and Würtz, Treuttel Jun. and Richter.
- MARTINS, I. O. (1987). *William Morgan Kinsey. Uma ilustração de Portugal*. Lisboa: Edições 70.
- MURPHY, J. (1795). *Travels in Portugal; through the Provinces of Entre Douro e Minho, Beira, Estremadura, and Alem-Tejo, in the year 1790*. London: A. Strahan, and T. Cadell Jun. and W. Davies (Sucessors to Mr. Cadell) and the Strand.
- MURRAY, J. (1855). *Handbook for travellers in Portugal*. London: John Murray.
- NEALE, A. (1809). *Letters from Portugal and Spain; comprising an account of the operations of the armies under Their Excellencies Sir Arthur Wellesley and Sir John Moore, from the landing of the troops in Mondego Bay to the battle at Corunna*. London: Richard Phillips, 1809.
- NORONHA, E. DE. (1912). *Memórias de um galego*. Porto: Magalhães e Moniz Editores.
- PAZOS-JUSTO, C. (2016). *A imagem da Galiza em Portugal*. De João de Redondella a Os Galegos são nossos irmãos. Santiago de Compostela: Através Editora.
- PEREIRA, G. M. (2016). Trabalhadores galegos no Douro vinhateiro. In *Vindos de longe: estrangeiros no Douro. Atas das 4as Conferências do Museu de Lamego / CITCEM* (pp. 81-91). Lamego: Museu de Lamego/CITCEM.
- PIMENTEL, A. (1877). *Guia do viajante na cidade do Porto e seus arrabaldes*. Porto: Livraria Central de J. E. da Costa Mesquita.
- QUILLINAN, D. W. (1847). *Journal of a few months residence in Portugal, and glimpses of the south of Spain*. London: Edward Moxon.
- RESENDE, N. (2018). Do Grand Tour à excursão: a jornada como diletância. In M. J. Vasconcelos, R. Morais & J. da Costa Reis (Coord.), *João Allen. Coleccionar o Mundo* (pp. 73-85). (s.l.): DGPC/MNSR/Blue Book.
- ROCHA, M. J. M. DA. (1995). Pedreiros galegos no noroeste português no século

XVIII. In *Las relaciones artísticas entre España y Portugal. Artistas, mecenas y viajeros. Actas del VII simposio hispano-luso de Historia del Arte, 1993* (pp. 143–156). Badajoz: CEEXCI-Junta de Extremadura

RODRIGUEZ, J. L. & TORRES FEIJÓ, E. J. (1994). A Galiza e os Galegos na prosa de Camilo. In *Congresso Internacional de Estudos Camilianos* (pp. 707–727). Coimbra: Comissão Nacional das Comemorações Camilianas.

SMITH, A. C. (1870). *Narrative of a spring tour in Portugal*. London: Longmans, Green and Co.

SMITH, J. G. (1832). *Santarem, or sketches of society and manners in the interior of Portugal*. London: Fisher, Son, & Co.

SOUTHEY, R. (1808). *Letters written during a journey in Spain and a short residence in Portugal*. London: Longman, Hurst, Rees, and Orme Paternoster-Row

STREET, E. E. (1903). *A philosopher in Portugal*. London: T. Fisher Unwin.

TEIXEIRA DE VASCONCELOS, A. (1875). *O prato d'arroz doce. Romance histórico*. Lisboa: Typographia Portugueza.

WILDE, W. R. (1840). *Narrative of a voyage to Madeira, Teneriffe and along the shores of the Mediterranean, including a visit to Algiers, Egypt, Palestine, Tyre, Rhodes, Telmessus, Cyprus and Greece. With observations on the present state and prospects of Egypt and Palestine, and on the climate, natural history, antiquities, etc, of the countries visited*. Dublin: William Curry, Jun. and Company.

Apêndice

Apêndice 1 – Relação dos viajantes que, nas suas obras a propósito de Portugal, referem os galegos (1788-1907)

Fonte	Data da viagem	Autoria	Datas biográficas	Idade à viagem	Profissão	Origem
1788, [Jardine]	1779	Alexander Jardine (1736-1799) – oficial escocês	1736-1799	43	Oficial	Escocês
1795, Murphy	1788	James Cavanah Murphy (1760-1814) – arquitecto e antiquário irlandês	1760-1814	28	Arquitecto	Irlandês
1808, Southey	1795-1796	Robert Southey				
1809, Neale	1808	Adam Neale (?-1832) – médico escocês	?-1832		Médico	Escocês
1824, Baillie	1820-1822	Marianne Baillie (1735-1831) – escritora inglesa	1735-1831	85	Escritora	Britânica
1826, G.	1826	[Anónimo]				
1829, Kinsey	1829	William Morgan Kinsey (1788-1851) – clérigo inglês	1788-1851	41	Clérigo	Britânico
1830, Conder	1830	Josiah Conder (1789-1855) escritor, jornalista e conhecido abolicionista inglês	1789-1855	41	Escritor	Britânico
1830 [Portugal or the young lovers]	1827-1830?	[Anónimo] – do diário de uma senhora				
1832, Smith	1830-31?	John Gordon Smith (1792-1833) – médico e militar escocês	1792-1833	38	Médico	Escocês
1835, Alexander	1834	Alexander, James Edward (1803-1885) – militar, escritor e viajante britânico	1803-1885	31	Oficial	Britânico
1835, Lovell	1835	Lovell Benjamin Badcock (1786-1861) – foi um general e aristocrata britânico	1786-1861	49	Oficial	Britânico

GALIZA E(M) NÓS

Estudos para a
compreensão do
relacionamento cultural
galego-português

1840, Wilde	1837-1840	William Robert Wills Wilde (1815-1876)	1815-1876	22	Médico	Irlandês
1852, Baxter	1850-51	William Edward Baxter (1825 - 1890), empresário, político e escritor escocês	1825-1890	25	Escritor	Escocês
1862, Dunbar	1860-1861	Sophia Dunbar - aristocrata britânica			Aristocrata	Britânica
1870, Smith	1869?	Alfred Charles Smith (1822-1898) - pastor protestante e ornitólogo britânico	1822-1898	47	Clérigo	Britânico
1874, Jackson	1873	Catherine Hannah Charlotte Jackson (1824-1891) - aristocrata britânica	1824-1891	49	Aristocrata	Britânica
1880, Ratazzi	1876, 1879	Marie-Laëtitia Bonaparte-Wyse	1831-1902	45	Aristocrata	Francesa
1876, Béclus	[1876]	Jean Jacques Élisée Réclus (1830-1905) - geógrafo francês	1830-1905	47	Geógrafo	Francês
1891, Loring	1889-1890	George B. Loring (1817-1891) - congressista norte-americano	1817-1891	72	Político	Norte Americano
1895, Quillinan	1845	Dorothy Wordsworth Quillinan (1804-1847) escritora britânica	1804-1847	41	Escritora	Britânica
1899, Sellers	1899	Charles Sellers				
1903, Street	1903	Eugene Street - escritor e filósofo britânico			Escritor	Britânico
1907, Inchbold	1907	Ada Alice Cunnick Inchbold (1860-?)	1860-?	47	Escritora	Britânico

Origem dos dados: fontes primárias.